

Sociedade aberta

CE

Conselho
Presidência
Vice-PDiretor
Diretor

Editorial

ECONOMIA - *Brasil*

Mãos à obra para evitar a recessão

OS DADOS RECÉM-DIVULGADOS sobre a produção industrial brasileira evidenciam uma verdade preocupante: jamais a indústria respondeu de maneira tão rápida e tão negativa a uma crise econômica, segundo mostrou a forte queda do último trimestre do ano passado. Em breve análise dos números levantados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), fica evidente que a crise cortou o ciclo de investimentos que o país experimentava. E os efeitos desse estancamento, segundo especialistas, tendem a estender-se para além de 2009.

A queda de 12,4% na produção industrial em dezembro, na comparação com o mês anterior, foi a maior desde o começo da série histórica do IBGE, em 1991. A produção recuou em 70% dos 755 itens abrangidos pelo levantamento. Em apenas três meses, o setor industrial acumulou perda de quase 20% — algo sem precedentes nas tábuas da pesquisa. Além disso, a atual crise fez a indústria acusar o golpe (e responder negativamente) de forma mais rápida do que nas adversidades anteriores, como a crise vivida no governo Collor (em 1992), a crise do México (em 1995) e o susto do racionamento de energia (em 2001). A suposta “marolinha” começa a afigurar-se um vagalhão mais vigoroso.

Na crista dessa onda, perspectivas sombrias avançam com rapidez. O tombo da indústria em dezembro embute a decisão do setor privado de adiar (ou mesmo suspender) os investimentos que levavam o país a experimentar um crescimento anual na base dos 5% do Produto Interno Bruto (PIB). Aos poucos vão empalidecendo as previsões que sustentam a idéia de um crescimento

de pelo menos 4% para este ano. Dentro do corte de 22% na produção de bens de capital mensurado pelo estudo, a demanda da indústria por novas máquinas e equipamentos caiu absurdos 31,5%. Diante da retração do investimento, a eco-

O que assusta é o tamanho e a velocidade do tombo sofrido pela indústria

nomia nacional perde um dos motores de seu crescimento, até então sustentado pela demanda interna. Em outras palavras: o freio da economia chegou para valer.

É hora, portanto, de o governo agir de forma ainda mais firme, com todas as armas de que dispõe, a fim de evitar a recessão que se avizinha. O arsenal inclui um corte mais drástico dos juros e mais investimentos públicos. Ao que parece, o Palácio do Planalto está ciente da situação. Tanto assim que, ontem mesmo, foi anunciado um aporte de capitais no Programa de Aceleração do Crescimento (PAC). A previsão de gastos com obras e ações do programa até 2010 subiu de R\$ 504 bilhões para R\$ 646 bilhões. Para o período pós 2010, foram acrescentadas obras que elevaram a previsão de gastos para R\$ 502 bilhões — ultrapassando, no total, a vistosa cifra de R\$ 1 trilhão.

O bem-vindo acréscimo no PAC decorre principalmente de investimentos na exploração da camada pré-sal já anunciados pela Petrobras, a inclusão de grandes obras, como a expansão das linhas de metrô do Rio e de São Paulo, e novas obras de habitação e saneamento, que devem consumir cerca de R\$ 86,2 bilhões do total do reforço de caixa. Resta ainda ao governo — apoiado e cobrado pela sociedade — destravar as obras que ainda estão apenas no papel. Em dois anos de execução do programa, apenas 11% das ações previstas conseguiram ser concluídas.

No momento pré-recessivo pelo qual o país atravessa, a mão firme do governo não pode tardar. Sob pena de prolongar uma crise de consequências imprevisíveis.